

**GUILHERMINO CESAR OU DA POESIA ÁSPERA,
VIVIDA E DESOLADA**

ITALO MARCON

I

“LIRA COIMBRÃ E PORTULANO DE LISBOA” (1) constituiu, para nós, uma verdadeira surpresa. A revelação de um poeta autêntico e consumado, visceralmente sofrido, senhor absoluto do seu ofício, que tem “algo” para nos dizer e sabe como fazê-lo, dentro da melhor tradição de uma poesia “metafísico-humanista”.

O próprio A., principalmente, “bicho da terra”, amargo “na bôca”, com tôda sua problemática, pejada de angústia, é a sua “matéria”, viva e inesgotável:

“continuo sòzinho
garroteando em mim”.
(De “Alto da Conchada”, pág. 57),

“estou cansado de navegar”, “sem achar o meu destino”, e “ninguém me encontrará”.

Com efeito, num intérimo desnudar-se, cheio de dolorosa sinceridade, êle confessa:

“As Sete Partidas, que eu tanto buscava,
No Ceira, no Ave, ao Sul de Trancoso,
acheia-as aqui, na tumba fechada,
na urna lacrada
do meu sofrimento”.
(De “As Sete Partidas”, pág. 50).

Não se trata, em absoluto, de um puro vêzo solipsista, enformado de egoísmo e de auto-suficiência, mas, antes, de rude franqueza, que o A. não pode reprimir ou sufocar, insinuando-se, a todo instante, em seus poemas, sem quaisquer afetações.

(1) Livraria Almedina, Coimbra, 1965, Portugal.

Diríamos que o poeta, partindo do microcosmo autobiográfico, quer chegar ao macrocosmo histórico, visando, na sugestiva expressão de Alfredo Gargiulo (2), a corrosão crítica da existência", pois, segundo Sergio Solmi (3), "em um certo sentido, a "crítica" da existência é um dos temas recorrentes

da poesia de qualquer tempo". (4).

Com isso, todavia, o A. não pretende assumir ares de moralista, que pensa em "reformular o mundo", já que a sua ambição é receber:

"a linguagem cifrada,
azul fervendo no mel,
a linguagem de Hölderlin",

— aspirando, tão somente, sem estardalhaço, sem vistosa retórica, que não condizem com a sua "lúcida timidez":

"medir vida, medir passo,
versos, soluços, abraços".
(De "Bilhete para Cataguases", pág. 11).

Uma certa impaciência vital, então, uma intensa desesperação metafísica e uma precoce solidão percorrem a sua poesia, traduzindo-se numa ininterrupta fragmentação da personalidade, numa epantosa dissecação do mundo e das coisas, sempre em busca da "chave mágica" da infância:

"Onde, por onde, em que onde
se oculta o ser pequenino,
frágil molusco marinho
que fui em outra jornada?",

do menino (ou "o riso deste menino?") de Cataguases que procura, simplesmente, "a prática amarga / de ser" e encontra, apenas, "a morte em cada instante", pois "tem na mente um cemitério / onde espera ser feliz", no "ventre das Minas Velhas".

Daf, aliás, a poesia enxuta, "áspera", analítica e substantiva do A.:

"Tenho visita
veio de repente:
hospedo um poema.

(2) Crítico literário e teórico de estética. Italiano. Nasceu em 1876 e morreu em 1949. Autor, principalmente, de "Escritos de Estética" e de "Literatura Italiana do Novecentos" (Século XX).

(3) Crítico literário e poeta italiano. Nasceu em 1899.

(4) De "Scrittori Negli Anni" (Escritores nos Anos), ed. de Il Saggiatore, Milão, 1963. Prêmio Viareggio, para a crítica, em 1963. Tradução de nossa autoria.

Aflige-me; contudo
é um poema limpo
sem os odores toantes
e sem a caspa das rimas;
quase não usa adjetivos
(só aos domingos)".
(De "O Hóspede", pág. 53),

que, paradoxalmente, interroga e dilacera:

"Se o mundo me deu à vida,
e a vida não vale nada,
amanhã que serei eu,
onde, por onde, em que onde
afinal repousarei
quando fôr noite fechada?"
(De "O Hóspede", pág. 53),

testemunhando uma total aderência para a sua condição "de criatura murada", que combina "frustrações" e "brancuras idealizadas" (de que tanto precisa!), na "urgente fome da rima".

O poeta está imerso "na total aridez", "na pista (falaz!) das nuvens brancas", que nunca aparecem, ávido "da estrêla boieira", que "na lonjura se sumiu", reconhecendo, por fim, atônito, que:

"Estamos todos mortos
no acre, no sal,
no ácido sulfúrico, para sermos mais exatos;"

isto é,

"Estamos, melhor seria dizer: Jazemos
na terra ímpia, à espera do enxôfre,
de um hiato fôscio, não, de um rubro
estouro definidor do homem-abismo,
metido sem perfume nesta cova, neste ar, nesta luz

de doidos, antes: dos cegos.
E mais não digo, não sei, quer dizer, não
saberia dizer a bôca,
berço onde nasce e morre êste gemido".
(De "Das Alternativas, Sem Floreio, Na Intenção De Fernando Pessoa", pág. 37 e 38).

É o mesmo substrato que condiciona "The Waste Land" (5) (A Terra Inútil = A Terra Ímpia) de T. S. Eliot, poeta que proclama, no entender de

(5) Célebre poema de T. S. Eliot. Um verdadeiro marco da poesia deste século. Publicado, pela primeira vez, em 1922, na revista "Criterion". Existe uma tradução brasileira, da autoria de Paulo Mendes Campos ("A Terra Inútil", Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1956).

Edmund Wilson (6), que "a vida humana de hoje é ignóbil, sórdida, domesticada" e que o mundo "é um lugar, não somente de desolação, mas de anarquia e de dúvida". (17)

Não é êsse, contudo, o único laço que une o nosso A. ao "clássico" de "Four Quartets". (8)

O seu poema "Em Família", à pág. 45, lembra (o que não quer dizer dependência) o título da tragédia eliotiana "The Family Reunion" (9) (A Reunião de Família), sustentado por uma feliz combinação de linguagem poética e de linguagem prosaica, que explode num "humor" corrosivo (tão ao gosto de Eliot), essencialmente trágico:

"Já que estamos em família
vou contar os meus segredos.
Fiquei doente, fininho, uma pena;
hoje estou louco.
Sou nebulosa fabricada na retorta
de sutis combinações do capital com a fome (de guerra),

isto é:

"... estou morto,
morto pelo punhal oculto
num charuto".
(De "Em Família", págs. 45 e 46).

II

Nesta altura, além de Eliot, não podemos silenciar o nome de Eugenio Montale (1), um dos maiores poetas contemporâneos, que vive, em sua poesia, o mesmo "drama" de Guilhermino Cesar.

Expoente, também êle, da "aridez metafísica", Montale usa parcimoniosamente a "matéria verbal", densa, no entanto, de substância cósmica, cujo ritmo se configura em uma musicalidade "dura e insistida", como de ressaca que se quebra na praia.

O poeta italiano, como o nosso A., separa, amiúde, a emoção que vivifica o seu "discurso poético" como uma transparente "aura" de "exausta tristeza", parecendo que uma "reflexa desolação" morde, por todos os lados, a sua estrutura poética.

(6) Crítico literário norte-americano. Nasceu em 1895. Autor, principalmente, de "Axel's Castle" (O Castelo de Axel) e de "Raízes da Criação Literária", tradução brasileira da Editora Lidador, Rio de Janeiro, 1965. Coleção "Mimesis", de grande utilidade, dirigida pelo percuciente ensaísta Fausto Cunha.

(7) De "Il Castello di Axel" (O Castelo de Axel), versão italiana da Editora Il Saggiatore, Milão, 1965. Tradução de nossa autoria, do ensaio "T. S. Eliot".

(8) "Quatro Quartetos". Outro célebre poema de Eliot, que muito influenciou a poesia contemporânea. Publicado em 1943.

(9) Peça teatral de Eliot. Publicada em 1939.

(1) Importante poeta italiano. Considerado, pela Crítica, um dos maiores do Século XX. Nasceu em 1896. Autor de "Ossi di Seppia" (Ossos de Sêpia), 1925; "Le Occasioni" (As Ocasões), (1939) e "La Bufera e altro" (A Tempestade e outra coisa), 1956. Também exímio tradutor de Eliot.

Dai o lacinante grito do A., primeiro e fiel crítico de si mesmo, que sabe de sua transitoriedade e que bem conhece a sua miséria e a sua condição de "naúfrago":

"Aqui, não vale nada minha fome de azul,
estou perdido".

(De "Emigrante", pág. 23).

Poucos poetas conseguiram, até hoje, com dois versos, apenas, desvendar uma vida inteira, que, sôfregamente, tenta romper as "amarras do poema", sabendo, desde o início, que tudo é inútil.

Acode à nossa memória, a dupla interrogação-exclamação de Mallarmé:
"Où fuir dans la révolte inutile et perverse?"

Je suis hanté. L'Azur! l'Azur! l'Azur! l'Azur!" (2), que Batista Cepelos assim traduziu:

"Onde fugir? Revolta inútil e perversa!

Sou perseguido. O Azul! O Azul! O Azul! O Azul!" (3).

Aliás, a palavra "azul", insistente na poesia de Guilhermino Cesar, representa, pródiga de carga afetivo-psicológica, imantada da mais simbólica poeticidade, o oposto da "terra ímpia", o reverso da "total aridez", um inusitado "oásis transcendental", misto de infância e de paraíso, que o nosso A. perdeu e que, agora, mesmo sangrando, quer recuperar.

Assim, em "O Capitão Partiu de Manhã", à pág. 39, ficamos sabendo que:

"O Capitão partiu de manhã
(Montado em camelo azul)

Não tinha para onde ir

A não ser no pensamento

Sem-fim era o seu destino

O Mistério seu alimento.

Partiu nuinho como nascera,

Ligeiro, na asa do vento",

revelando, por fim, o poeta, qual visionário, mas com os pés firmemente fincados na terra, numa conjugação de amarga ironia e de piedade desencantada (quase que se desculpendo), que:

"O Capitão partiu de manhã

Por êsse mundo de Cristo

Mas a história verdadeira

Que omito para ser crido

É que perdeu o juízo

No sertão do Rio Doce

E faleceu, faz três anos,

de paixão e de icterícia".

(2) Versos finais do poema "L'Azur".

(3) De "Antologia de Poetas Franceses", coligida por R. Magalhães Júnior, Gráfica Tupy Ltda., Rio de Janeiro, 1950.

Outra não é a "filosofia" que ressuma da "Canção do Exílio", à pág. 41:

"Vamos jubilar "é pouco)
vamos depor (já serve)
vamos triturar (melhor)
o mundo — êste que aí está
na razão de dividir,
capar, ensandecer.
Vamos, depressa,
reduzi-lo à condição
de pedra, sòmente pedra
sem risco ou vegetação.
Volte a terra a ser o neutro
livre do boi e da vaca
do Paraíso e das maçãs.
E no azul, se houver lugar,
plantemos a bandeira da
total desesperação".

Aqui faz-se mister uma pausa.

Também Carlos Drummond de Andrade, navegando em águas de Gonçalves Dias, possui a sua "Nova Canção do Exílio" (4). No entanto, a do poeta de "A Rosa do Povo", por paradoxal que pareça, está impregnada de um contagiante otimismo, de uma saudade descansada, enquanto que a de Guilhermino Cesar goteja uma música amarga, uma revolta impossível de ser contida, através de versos "pétreos", que se chocam entre si, subjugando o próprio poema.

A última estrofe da "Canção do Exílio", de Guilhermino Cesar, reproduz, integralmente, três versos da última estrofe da canção homônima de Gonçalves Dias:

"E depois de tudo feito
**não permita Deus que eu morra
sem que volte para lá;**
quero ver os Coronéis
quero ver os Carajás
na terra das frustrações
onde canta o sabiá".
(Assim em Guilhermino Cesar), e

(4) De "Fazendeiro do Ar & Poesia até Agora", 2.^a ed., Livraria Olympio-Editôra, Rio de Janeiro, 1955, págs. 258 e 259. Pertence ao livro "A Rosa do Povo", 1.^a ed. em 1945.

"**Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;**
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá". (5)
(Assim em Gonçalves Dias).

Este expediente, de intercalar versos alheios, não é uma invenção do nosso A. e, muito menos, não significa qualquer desmérito ou carência de originalidade. Os exemplos de Pound (6) e de Eliot (7) são convicentes. Os seus poemas,, entremeados de versos de Homero, Dante, Ovídio, Verlaine, Nerval, Spenser, etc, nem por isso são menos originais ou falhos de autenticidade.

Dentro do nôvo contexto, saliente-se, os versos de Gonçalves Dias, que foram escolhidos por sua poeticidade e pela "humanidade" que lhes é inerente, adquirem um significado diverso, uma surpreendente "integração", sob o impulso "do discurso lírico-lógico" do A., antes e acima de tudo, "homem concreto", com seu modo de ser e de reagir, que nenhum outro homem pode assumir ou viver", uma vez que qualquer obra exaure em si uma experiência vital, exprime sòmente ela mesma, e é, portanto, insuperável e improgressível". (Sergio Solmi) (8).

Ambos os poetas (Guilhermino Cesar e Gonçalves Dias) se servem da redondilha maior, com diferente intensidade e fins distintos. O autor de "Lira Coimbrã e Portulano de Lisboa" se vale de uma linguagem impositiva e cáustica, agressiva e mordaz, visando uma "certa" época e uma "determinada" terra; já o romântico do "I-Juca-Pirama" se preocupa com seu próprio bem-estar físico-espiritual, primordialmente.

A do primeiro, por via de consequência, é uma linguagem repassada de "historicidade"; a do segundo, por sua vez, se esvai no "eu" enclausurado do Romantismo.

III

O A., cumpre repisar, poeta de um tempo de

"Usura, bombas, feridas,
fome (dor) em abraços condensada,
o voto, o jato, o faquir,
o sono, o biombo,
as flôres ignoradas".
(De "Estrada de Sintra", pág. 56),

(5) De "Poesias Completas", Editôra Saraiva, São Paulo, 1957, pág. 84.
(6) Em "Cantares", ed. do M. E. C., Serviço de Documentação, Rio de Janeiro, 1960. Tradução de Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos.
(7) Em "The Waste Land" (A Terra Inútil) e "Four Quartets" (Quatro Quartetos).
(8) Crítico literário e poeta italiano. Nasceu em 1899. Tradução de nossa autora, de "Scrittori Negli Anni" (Escritores nos Anos), ed. de Il Saggiatore, Milão, 1963. Prêmio Viareggio, para a crítica, em 1963.

evidenciado pelo "homem mecânico", proclama, desesperadamente, "a urgente fome de rima", nas "entranhas da poesia", da "poesia que escorre, e não se vê, / mas é dor, revolta, alimento".

A poesia, "a própria imagem da vida, expressa na sua verdade eterna", na definição de Shelley (1), é a sua válvula de escape, a sua razão de ser, o "elixir mágico" que lhe torna a vida possível e aceitável, fazendo com que assuma, decididamente, a sua condição de homem "sôzinho", "garroteado", vibrátil ao máximo, "prisioneiro" de um mundo que não "aceita" e que, por isso mesmo, o aterra.

Dá o incessante dialogar do A., com os outros (Bicho da Terra, pág. 15, Minas Velhas, pág. 91, etc.) e consigo mesmo (Portulano de Lisboa, pág. 109, Viagem, pág. 103, Espólio, pág. 99, Devir, pág. 95, Em S. Martinho de Anta, pág. 65, As Sete Partidas, pág. 49, etc.).

Dá, outrossim, a sua premente ânsia de "universalização", de ubiqüidade, de estar presente em tudo, através de uma "geografia", muitas vezes subjetiva, onde os mais estranhos lugares e os mais exóticos países se unem e se confundem, num vertiginoso Calidoscópio íntimo.

Qual "marinheiro" redivivo de "Le Bateau Ivre" (2) (O Barco Ébrio), de Rimbaud, o A., "emigrante" universal, por excelência, pernoita sua "ansiedade" em Cabul, "no ôvo da tartaruga do Nilo", a fim de "morrer de peste ou de enfarte do miocárdio / em Tebas, Lurdes ou Cairo?, buscando, perdidamente, "Sião / Pegu e Sofala". Repousa na Calábria, "deitado aos pés de Vulcano", descobrindo "na rua central de Marraquexe" que estava "morto", sonhando os "caminhos de Aracati" e ouvindo "A Sé Velha (que) bate no abismo: / A poesia chegará", repetindo, para si mesmo, no fim da "viagem": Embarco pra Cataguases, / Que lá me vão enterrar".

A sua "áspera música", então, salva "com absoluta coerência", lhe permite construir uma sintaxe tãda peculiar, moderna, ousada, modulável ao infinito, através de um profundo "internar-se" da palavra objetiva, "que nos engolfa no tempo psicológico, nos desenha a história íntima de uma desolação" (Luciano Anceschi) (3).

O poeta, para tanto, usa de uma linguagem direta, com poucas metáforas (exceção: "nas duas ventanas / do escasso nariz, "ventanas" designando "narinas"), sêca, mas, assim mesmo, genuinamente poética, uma vez que é plasma pela sua sensibilidade e pela sua angústia existencial.

O seu tecido expressivo, particularmente econômico, extravesa do significado aparente das palavras, explodindo, em seu bôjo, tãda uma vida inteira

- (1) De "Defesa da Poesia", tradução de J. Monteiro-Grillo, Guimarães Editôres, Lisboa, 1957, pág. 50.
- (2) Célebre poema de Rimbaud. Existe a tradução brasileira de Gondin da Fonseca, para o livro "Le Bateau Ivre" (Análise e Interpretação), de Augusto Meyer, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1955.
- (3) Renomado crítico italiano. Especialista das "Poéticas" e do "Barroco". De sua perfeita monografia, de 152 págs., "Le poetiche del Novecento in Italia" (As poéticas do Novecentos (Século XX na Itália), inserida na monumental obra, em 4 volumes, "Momenti e Problemi di Storia Dell'Estetica" (Momentos e Problemas de História da Estética), ed. Marzorati, Milão, 1961. Tradução de nossa autoria.

frustrada, por isso mesmo mais aguda e mais intensa, e uma visão das coisas que se quer universal e única, irrepitível, e que é, ao mesmo tempo, trágica conformação e consciente desesperança:

"Morrer aqui
nesta mesma casa
neste mesmo leito
e êste mesmo sol
morrer sem vigarice
gôsto de côco na bôca
olhos pregados neste rio que me leva
a um largo (e suas árvores)
em Cataguases".
(De "Morrer Aqui", pág. 97).

Bilac, em "In Extremis" (4), e Alceu Wamosy, em "Idealizando a Morte" (5), vivem, anteriormente, essa mesma "situação", que é exclusividade de ninguém, pois pertence a todos os poetas, desde que suficientemente poetas, sempre "despertos" diante das emoções e dos sentimentos humanos.

No impecável parnasiano da "Tarde" (6), dentro de um "clima" baudelairiano, encontramos, por assim dizer, um desespêro com seu quê de retórico, de supinamente declamado, que atinge o seu efeito por meio de uma dramatização de "tintas" e do "abuso" dos contrastes:

"Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
Assim! de um sol assim!

Tu, desgrenhada e fria,
Fria! postos nos meus os teus olhos molhados,
E apertando nos teus os meus dedos gelados...".

Já Alceu Wamosy, o suave lírico da "Coroa de Sonho" (7), o elegíaco de um "clima" simbolista, essencialmente sugestivo e de fácil comunicação, revela uma humilde conformidade diante da morte, aceitando-a sem gritos ou rebeldia, sem qualquer imprecação, implorando, quase em surdina:

"Morrer por uma tarde assim como esta tarde:
Fim de dia outonal, tristonho e doloroso,
quando o lago adormece, e o vento está em repouso,
e a lâmpada do sol do altar do céu não arde".

Com isso, não estamos traçando uma filiação, que não existe, porque é notório que o verdadeiro poeta (e é o caso do nosso A.) percorre o seu

- (4) De "Poesias", ed. da Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1956, 26.^a ed., pág. 160.
- (5) De "Poesias", ed. da Livraria Brisolla, Livramento (R. G. Sul), 1950, 3.^a ed., pág. 138.
- (6) Livro famoso de Olavo Bilac, constante de suas "Poesias" (completas)
- (7) O livro mais "maduro" de Alceu Wamosy, constante de suas "Poesias" (completas).

próprio caminho e orienta o seu vôo, vivendo o seu "drama" de um modo todo individual, embora comum a todos os homens:

"É fácil. Eu bebo,
tu bebes e, ainda uma vez,
bebemos tranqüilos.
Sorvemos o mundo em gotas,
cada um com o seu estilo".
(De "Do Bêbedo", pág. 59).

O que os identifica (Guilhermino Cesar, Bilac e Wamosy), é preciso ressaltar, é a mesma "motivação", assumida, todavia, "pessoalmente" pelos três poetas, "subjetivamente", o objetivando-se, em Guilhermino Cesar, através de uma densa "congérie" estilística, onde cada palavra vale por si mesma e pelo que não diz, aguçando a sua carga "emblemática":

"Morrer aqui
sem mais aquela.
O sino a bater
o rio a vaziar
o tempo à espera
de me pescar.

Sim, o tempo, avisado,
à minha espera,
à espera do lôgro:
matéria fétida
matéria opaca
sem nenhum segrêdo.

"Morrer aqui
como um peixe
morre e sobe
à flor das águas
velhas
do Mondego".

(De "Morrer Aqui", págs. 97 e 98). (Continua).

IV

Assim, concorde com a nossa assertiva, temos, ainda, poema "Vigília", à pág. 77:

"A manhã não vem.
O verso me socorre
o hábito da estrêla
me apaga na cama.
Só o corpo dorme.

No mais, estou desperto
a campear o sono
perdido dormir perdidamente
de outros anos.

De quando era, antigamente,
o alvorecer na fome
de outro sono".

Mansueto Bernardi (1), poeta, também êle, autêntico e sofrido, que escreveu alguns dos mais significativos versos da nossa língua, em "Terra Convalescente" (2), um poema que se intitula "Vigília Ardente":

"Não sei que estranha febre hoje me inflama.
Três horas. Não consigo adormecer
Todo vestido de vermelha chama,
sou como um facho a arder.

Dormem os campos, tácitos, lá fora.
Dorme o vento, e o jardim rórido e belo.
Só eu, prêsa do ardor que me devora,
neste silêncio velo.

Lânguida é a noite. O beijo e a rima ondulam no ar.

Vem-me à bôca um sabor nôvo de mel divino.
Inturgesce-me o seio o ímpeto do hino.
Meu desejo de amor se ergue a cantar"., etc.,

finalizando com o grito:

— "Ó Noite, ó Noite escura, empresta-me o teu manto!".

Já no próprio título os dois poemas se irmanam, deixando entrever uma mesma realidade espiritual e um mesmo ancenúbio físico, através, contudo, de dois estilos personalíssimo e diversificados.

Ambos os poetas acentuam a sua disponibilidade, o seu nunca interrompido "estar acordado" à espera da "doação do poema", derradeiro socorro de que tanto necessitam.

- (1) Também historiador, ensaísta e crítico literário, de rara penetração e de assimilada Cultura. Nasceu em Asolo, Treviso, Itália, em 20 de março de 1888 e morreu, em Veranópolis (R. G. Sul), em 9 de setembro de 1966. Desde os três meses de idade viveu no Brasil. Foi um autodidata. Além disso, uma marcante da história lítero-política do Rio Grande do Sul e, mesmo, do Brasil, nestes últimos 50 anos. No entanto, acima de tudo, foi um homem bom, um amigo sincero e um "Mecenas" inigualável.
- (2) Livro que reúne suas poesias completas (Umbra, Lux, Terra Convalescente, Exaltação, Convívio Atlântico, Poemas Franciscanos e Última Vontade), Ed. da Editora Globo, Pôrto Alegre, 1965. A 1.ª ed. de "Terra Convalescente", tão somente, saiu em 1918, Livraria do Globo, Pôrto Alegre. "Vigília Ardente" aparece, nessa 1.ª ed., à pág. 55.

Por isso, "só o corpo dorme". O espírito permanece "desperto", inflamado de "estranha febre", já que o "beijo e a rima ondulam no ar", fecundados pelo "sono" "de outros anos", "de quando era, antigamente".

Mansueto Bernardi, sem o mínimo rebuço, explora uma adjetivação "colorida", plástica, ardentemente emocional. Já Guilhermino Cesar permeia na sua inexpugnável "aridez", com os seus versos curtos, exatos, acenadamente econômicos, grávidos de mistério e de relêvo psicológico, sempre pretendendo fundir o passado no presente, na ânsia de ressuscitar a infância perdida, ou seja, a própria "poesia":

"Tanta infância perdida não se explica.
Ninguém a infância achada ou esquecida
envilecida ou suicida explicará.
Sinos, capelas, astros, cornos de boi,
o que não foi ou não veio antes do orvalho
será beatitude, talvez a impudência
que se esvai, como no orvalho se consome
a noite e os meus fantasmas.
Quero estar só, quero o bálsamo equívoco
dêste provado abismo:
cacto num cesto para te oferecer".
("Obsesso", pág. 81).

Tal constatação não implica em afirmar-se, como é vêzo de certos "críticos?", epígonos extemporâneos de György Lukács (3) e "quejandos", que desconhecem o nome de Galvano della Volpe (4), o maior teórico vivo de uma "Estética materialístico-histórica", a "inaderência histórica" da poesia do A.

Guilhermino Cesar (poeta), no seu insatisfeito auto-analisar-se, varejando o limbo da memória e desmontando a "engrenagem" do homem moderno, é um verdadeiro paradigma, no qual se espelham os demais homens, seus irmãos, com "o amargo na boca" e com "uma ode para dizer ao pé do ouvido".

Com razão, o A. interroga:

- (3) Filósofo, ensaísta e teórico de estética. Nasceu na Hungria, em 1885. Principais obras: A destruição da Razão (ed. francesa), História e Consciência de Classe (ed. francesa), Teoria do Romance (ed. italiana), Contribuições para a História da Estética (ed. italiana) e O Marxismo e a Crítica Literária (ed. italiana).
- (4) Filósofo e teórico de estética. Nasceu na Itália, em 1895. Autor de diversas obras, todas elas valiosas, apesar das restrições ideológicas que lhes movemos. Destacamos: "Crítica del Gusto" (Crítica do Gosto), Feltrinelli, Milão, 1965, fundamental para a Estética, já que é uma ampla exposição sistemática de uma "Estética materialístico-histórica", e "Crisi dell'Estetica Romantica" (Crise da Estética Romântica), Samona e Savelli, Roma 1963. Della Volpe, nessas duas obras, refuta e supera o dogmatismo de Lukács, mostrando algumas de suas insuficiências e inverdades crítico-histórico-filosóficas. Aliás, Galvano della Volpe e Gramsci, dentro do "materialismo histórico", são, neste século, as duas figuras ímpares de uma "estética interessada...".

"Que pêso nos ombros carrego
de eras passadas, de eras presentes,
ou eras futuras?",
(De "Na Couraça dos Apóstolos", pág. 19),

respondendo:

"Nenhuma solidão
jamais, pesou tamanha".
(De "Na Couraça dos Apóstolos", pág. 21),

concluindo, apesar de tudo:

"é melhor viver".
(De "Do Bêbedo", pág. 59).

Não se trata, porém, de uma poesia "participante", no falso sentido político da palavra, tão ao gosto de alguns "poetas" brasileiros contemporâneos, nem, muito menos, de uma poesia "consoladora", nos moldes goethianos.

A poesia de Guilhermino Cesar é uma poesia indisfarçavelmente "humanista", isto é, que assume o homem em sua totalidade espiritual-material, sem distorções ideológicas ou imposições moralistas.

É a poesia dos "poetas aptos a assumir a herança e as responsabilidades", que se quer sincera e "rude", nada gratuita, numa contínua invenção formal, rica de cambiantes psicológicos e de soluções rítmicas.

O seu veículo verbal, ágil e esperto, cobre toda a "dimensão humana", clareando as zonas mais obscuras do ser, onde habitam os "demônios".

Inelutavelmente, o A. pertence à linhagem "humanista" que qualifica "A Rosa do Povo" (5), de Carlos Drummond de Andrade, e os últimos livros (de 1950, para cá) de Cassiano Ricardo (6) e Murilo Mendes (7), porém, com um substrato "telúrico-mineiro", "suigeneris".

Sem qualquer resíduo "documental", condenado por Croce (8), "Lira Coimbrã e Portulano de Lisboa" é o testemunho de nossa "monstruosa máquina cósmica", aniquilando, diàriamente, o homem, imerso na corrupção dos valores e num clima de falsidades, qual "neutra/matéria baixa/à boca da noite".

O poeta, apesar disso, sabe (o que intensifica a sua mensagem) que:

"Há rosas, abraços por apanhar,
brisas não acarinhadas,
intratáveis caminhos na terra e no sonho".
(De "Discurso à Esfinge de Gizet", pág. 79).

- (5) Livro de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1945.
- (6) Poemas Murais, O Arranha-Céu de Vidro, Jeremias Sem-Chorar, etc.
- (7) Parábola e Siciliana.
- (8) Filósofo italiano. Historiador. Teórico de Estética. Nasceu em 1866 e morreu em 1952. Autor, entre outras obras, da celeberrima "Estética". Como Ciência da Expressão e Linguística Geral, 1.ª ed. em 1902, X ed., Laterza, Bari, 1953, Itália, e do acatado "Breviário de Estética", 1.ª ed. em 1913

Ciente dessa "polaridade contraditória", urgente e avassaladora, o A. destila, em grande parte do seu livro (O Capitão Partiu de Manhã, pág. 39, Canção do Exílio, pág. 41, O Último Homem, pág. 43, Discurso à Esfinge de Gizet, pág. 79, Minas Velhas, pág. 91, Viagem, pág. 103, Portulano de Lisboa, pág. 109, etc.), todo o seu corrosivo "humour".

O que o consola, se existe "consolação" neste terra, é a certeza, acentuada por Giovanni Gentile (9), de que "o poeta é sempre nôvo no (para o) leitor; e também o mundo da poesia é uma criação eterna como aquela de Deus (10)".

Sem dúvida alguma, a poesia de Guilhermino Cesar, fazendo nossa a conclusão de Sergio Solmi (11), no final do seu penetrante ensaio sobre Montale, "encarna hoje, com a dolorosa seriedade de uma consciência no seu ápice, e o rigor de uma forma intensamente elaborada e individuada, um dos mais altos e dramáticos exemplares de poesia de uma época e de um mundo vivido (12)".

(9) O maior filósofo italiano deste século, Nasceu em 1875 e morreu, assassinado, em 1944. Político "puro" e historiador. Patriota ardente e sincero, amante da verdade e da justiça. Homem, essencialmente, bom e honesto. Mestre acatado e seguido. Orador primoroso. Criador do sistema filosófico conhecido por "Atualismo". Diretor, orientador e colaborador da monumental "Enciclopédia Italiana" (Treccani). Principais obras: Sumário de Pedagogia, Teoria Geral do Espírito como Ato Puro, A Filosofia da Arte, Gênese e Estrutura da Sociedade, Os Fundamentos da Filosofia do Direito, Sistema de Lógica como Teoria do Conhecer, etc.

(10) De "Giovanni Gentile — La Vita e Il Pensiero" (G. G. — A Vida e O Pensamento), vol. I, Sansoni, Florença, 1948, à pág. 28. Trad de nossa autoria.

(11) Crítico literário e poeta italiano. Nasceu em 1899.

(12) Tradução de nossa autoria, de "Scrittori Negli Anni" (Escritores Nos Anos), 1963, ed. de Il Saggiatore, Milão, Itália. Prêmio Viareggio, para a crítica, em 1963.